

O Comércio entre o Brasil e os Países Escandinavos Durante a Primeira Guerra Mundial

Birgitte Holten

A Primeira Guerra Mundial teve um impacto muito grande sobre o comércio e a navegação internacionais. O acesso a trechos importantes da costa europeia foi impedido pelo bloqueio naval britânico, e o trânsito no Atlântico foi praticamente interrompido a partir do início da guerra submarina em 1917. Assim como a maioria dos países, o Brasil enfrentou dificuldades consideráveis nas suas relações com o exterior, especialmente no que se refere à Europa. Houve, entretanto, uma exceção importante a essa regra geral, ou seja, as relações brasileiras com os países escandinavos, Dinamarca, Suécia e Noruega, sofreram aumento considerável naquele período.

O aumento da exportação de produtos brasileiros para os países escandinavos não se devia, evidentemente, ao consumo maior de produtos brasileiros naquela região. Uma explicação melhor para o fenômeno seria, portanto, a reexportação desses produtos para os países envolvidos nas hostilidades. O presente artigo pretende mostrar que essa reexportação, em grande parte, foi destinada à Alemanha. Afirmamos, assim, que os efeitos

Birgitte Holten é mestre em História.
Textos de História 1 (1993): 58-76.

da guerra, em alguns casos, foram menos abrangentes do que tradicionalmente suposto.

Este artigo foi elaborado a partir de pesquisa da documentação existente no Brasil. Será, portanto, oportuno, num momento posterior, incorporar dados dos países escandinavos¹.

• • •

A Primeira Guerra Mundial teve um impacto muito maior na vida dos países neutros do que qualquer guerra anterior. Isto aconteceu por que a estratégia dessa guerra envolveu, diretamente, o comércio internacional. A Grã-Bretanha lançou mão do bloqueio naval, da proibição de exportar produtos vitais para os países neutros que não seguiram as indicações britânicas, além da fiscalização de navios sob pavilhão neutro, impedindo o fornecimento de produtos para a Alemanha. Enquanto isto, a Alemanha tentou aproveitar o comércio com os países neutros para contornar o bloqueio naval e conseguir importar as mercadorias que necessitava.

Além disto, a navegação foi limitada por medidas como a colocação de minas nos estreitos marítimos, a guerra submarina, etc. Desta maneira, a navegação ficou cada vez mais perigosa e até impossível ao longo das costas da França e da Grã-Bretanha, no Canal da Mancha e em grandes áreas no Mar do Norte, fora das águas territoriais da Dinamarca e da Noruega.

Também fora dessas áreas de grande importância estratégica, os problemas para a navegação foram percebidos. No Brasil, por exemplo, a guerra significou que a

navegação para os demais países da América Latina e, até, entre os portos brasileiros, foi bastante dificultada².

Além dos problemas para a navegação foram, igualmente, impostas limitações para o comércio dos países neutros, sobretudo pela Grã-Bretanha. Tanto o Brasil quanto os países escandinavos sofreram essas restrições, mas de maneira diferente.

O Brasil sentiu as restrições, principalmente, em função da interrupção das relações comerciais diretas com a Alemanha e a Áustria. Além disso, seu principal produto de exportação, o café, foi, repetidas vezes, submetido a ameaças de imposição de limitações especiais. A França e a Grã-Bretanha consideraram, tanto em 1916 quanto em 1917, a possibilidade de interromper a importação de café para utilizar a capacidade de transporte para o açúcar e o trigo³. Ainda em 1916, a Grã-Bretanha anunciou a intenção de declarar o café brasileiro contrabando absoluto. Sendo assim, esse produto entraria na mesma categoria de armas e munições, ficando sujeito ao confisco, independentemente do dono e da destinação. Foi preciso uma atuação enérgica da Embaixada do Brasil em Londres para obter a classificação do café como contrabando condicional, implicando somente na proibição de transporte para a Alemanha e a Áustria. Ao mesmo tempo, entretanto, a importação de café pelos países neutros da Europa do Norte foi limitada, de maneira que não se poderia importar quantias maiores do que no período que antecedeu a guerra⁴.

Os países escandinavos enfrentaram outros problemas. Eles estavam localizados nas imediações da guerra, e dentro da esfera de interesses das partes do



conflito. Além disso, a guerra envolveu seus dois parceiros comerciais mais importantes, a Grã-Bretanha e a Alemanha.

A Suécia foi quem melhor conseguiu livrar-se das restrições impostas pelos participantes do conflito. Isso foi possível devido ao maior potencial militar desse país e ao fato de que a Suécia esteve menos dependente das relações comerciais com a Grã-Bretanha do que a Dinamarca e a Noruega. As relações comerciais da Suécia com a Alemanha (que consistiam, principalmente, da troca de ferro e carvão) foram de grande importância para ambas as partes e fugiram, ao mesmo tempo, totalmente do controle da Grã-Bretanha.

A Noruega, por outro lado, foi bem mais susceptível às pressões britânicas. No início da guerra, obteve grandes lucros vendendo pescado à Alemanha. Ameaçando interromper a exportação de vários produtos vitais, a Grã-Bretanha forçou, entretanto, a Noruega a assinar um acordo destinando 85% da exportação norueguesa de pescado para Londres. Da mesma maneira, a Grã-Bretanha forçou a Noruega a exportar-lhe com exclusividade toda a produção de produtos estratégicos, como cobre e pirita de enxofre, acenando com a possibilidade de interromper a exportação de carvão para a Noruega durante o inverno de 1916-1917⁵.

No que diz respeito à Dinamarca, sua proximidade com a Alemanha causou problemas específicos. Nos primeiros dias da guerra, a Dinamarca se viu obrigada a minar seus estreitos internos, em decorrência de um ultimato da Alemanha. Segundo as regras internacionais, tal medida significaria a quebra de neutralidade.

Por isto, mesmo se a Grã-Bretanha aceitasse que a Dinamarca, em tal situação, não tivesse como recusar a imposição da Alemanha, o precedente obrigou a Dinamarca a uma conduta extremamente prudente durante o resto da guerra, a fim de evitar restrições comerciais. O instrumento político mais importante para isso foi a Lei de 6 de agosto de 1914, proibindo a exportação de todos os produtos de importância estratégica para a guerra, entre eles, os alimentos. Essa lei garantiu, ao governo da Dinamarca, o direito de dispensar a proibição quando necessário a fim de obter produtos importados. As associações de classe do país foram incumbidas de supervisionar seus membros e evitar o aumento da exportação e da reexportação para a Alemanha acima dos níveis anteriores à guerra.

. . .

Para desvendar os efeitos da guerra sobre este comércio, analisamos as estatísticas anuais do comércio exterior do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. Com essa finalidade, estabelecemos alguns critérios para a seleção do material numérico.

Os países escolhidos incluem, além dos escandinavos (Dinamarca, Suécia e Noruega), os principais participantes da guerra, ou seja, a Grã-Bretanha, a França e a Alemanha. Os Estados Unidos foram incluídos por serem o parceiro comercial mais importante do Brasil. No que se refere ao período estudado, foi decidido pesquisar o desempenho anual de 1910 a 1922 para, assim, possibilitar a inserção do desenvolvimento do comércio brasileiro num contexto mais amplo.

Na época da Primeira Guerra Mundial, o comércio exterior do Brasil ainda era caracterizado pela exportação exclusiva de produtos primários e agrícolas. O principal produto para exportação era o café que, na época, quase não encontrava concorrência no mercado mundial. Além do café, o Brasil exportava uma série de produtos, assim como cacau, borracha, algodão e couros. Mas o café foi o único produto a acusar presença contínua nas estatísticas de comércio, possibilitando a elaboração de séries estatísticas completas em relação aos países em questão. Elaboramos, ainda, séries estatísticas para os valores totais de exportação e importação e para a navegação, de interesse em razão da reação singular dos países nórdicos às dificuldades da guerra.

A exportação brasileira de café apresentou queda considerável entre 1915 e 1918 (Tab. 1). Porém, considerando toda a extensão do período de 1910 a 1922, a tendência encontrada foi de crescimento, porém limitado. A exportação de café para os Estados Unidos seguiu o padrão geral, ou seja, uma tendência estável, porém com pequeno aumento.

Na Europa, os efeitos da guerra sobre a navegação foram muito mais graves do que nos mares americanos, e isso teve grande influência sobre o comércio intercontinental. Os diferentes países sentiam essas dificuldades em grau variado. A exportação de café brasileiro para a Grã-Bretanha e a França continuou estável, à parte movimentações menores durante a guerra e logo após o fim desta. Em comparação, a exportação brasileira para a Alemanha parou entre 1915 e 1918, devido ao bloqueio naval britânico. Terminada a guerra, a exportação de

café para a Alemanha demorou vários anos para voltar aos níveis anteriores à guerra, contrariamente à tendência dos dois primeiros países. Esse fato se devia, provavelmente, aos problemas econômicos sofridos pela Alemanha e à perda de grande parte de sua frota mercante.

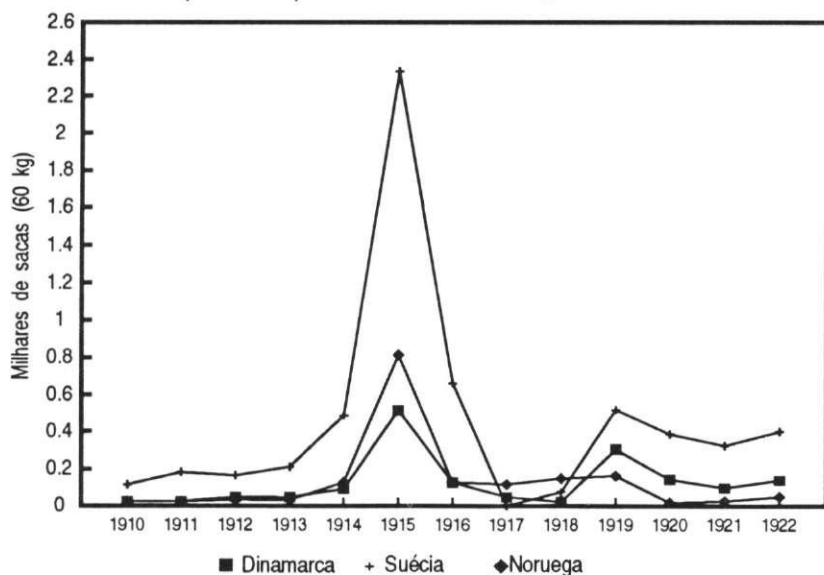
Tabela 1: A exportação brasileira de café, 1910-22 (1.000 sacas de 60 Kgs)

Ano	Dinamarca	Suécia	Noruega	EUA	GB	Alemanha	França	Total
1910	24	114	24	9.402	218	1.220	660	9.724
1911	25	182	23	4.445	270	1.804	875	11.258
1912	48	164	34	5.093	171	1.820	1.187	12.080
1913	47	212	33	4.915	246	1.866	1.847	13.267
1914	91	487	128	5.532	317	656	1.084	11.270
1915	514	2.333	813	7.195	414	0	2.499	17.061
1916	126	662	128	6.567	575	0	2.736	13.139
1917	49	2	116	6.291	253	0	2.104	10.606
1918	22	75	149	4.562	782	0	354	7.433
1919	304	517	163	6.215	309	9	3.371	12.983
1920	142	386	17	6.248	73	546	1.540	11.525
1921	97	323	26	6.137	528	923	1.556	12.369
1922	138	398	48	6.986	514	445	1.632	12.673

Fonte: Commercio Exterior do Brasil.

O comércio entre o Brasil e os países da Escandinávia teve um desenvolvimento diferente durante o período estudado (Fig.1). Contrariamente ao que aconteceu nos demais países, houve um aumento significativo no volume comercializado após 1913. Em 1914, a exportação brasileira de café para a Suécia e a Dinamarca dobrou, enquanto quadruplicou para a Noruega. E, em 1915, a exportação de café para os dois primeiros países sofreu um aumento adicional de 500%, enquanto obteve um aumento ainda maior para a Noruega.

Figura 1: a exportação brasileira de café para os países escandinavos, 1910-22



Fonte: Comercio Exterior do Brasil

A partir desta data, as tendências para os países nórdicos se diferenciaram. A Suécia seguiu, a partir de 1915, a tendência mundial de achatamento. Em 1918, entretanto, a exportação de café para esse país começou a crescer anteriormente à exportação para os demais países europeus. Depois de atingir novo apogeu em 1919, a exportação para a Suécia voltou a se estabelecer, porém, num nível bem mais alto do que antes da guerra. A exportação para a Dinamarca seguiu o mesmo padrão, decrescendo em 1916 e 1917 e estabelecendo-se num nível mais alto após a guerra. A Noruega, por seu lado, seguiu um desenvolvimento singular tanto no plano

mundial quanto em relação aos outros países escandinavos. A queda na exportação de café para a Noruega em 1916 e 1917 foi relativamente pequena, sendo seguida por um aumento significativo em 1918 e 1919. Em compensação, a exportação de café em 1920 foi a menor de todo o período estudado.

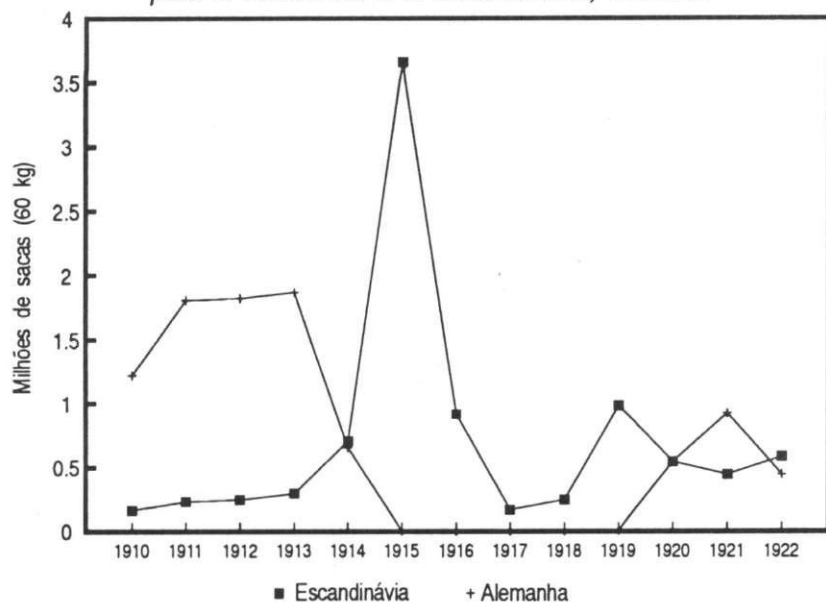
Existem, portanto, duas tendências principais nesse período: primeiro, um aumento muito grande da exportação brasileira de café para os países escandinavos durante os primeiros anos da Primeira Guerra Mundial; segundo, um aumento significativo na exportação brasileira de café para esses países durante todo o período estudado (1910-22), sofrendo somente uma pequena queda nos últimos anos da guerra.

No anuário brasileiro das estatísticas do comércio exterior, *Commercio Exterior do Brasil*, edição de 1910-14, o aumento da exportação para os países escandinavos ganhou o seguinte comentário: "Em 1914 cresceu a exportação para a Dinamarca, Itália, Noruega, Suécia e Portugal. A razão do aumento para os quatro primeiros países foi a maior exportação de café, verificada após a declaração de guerra..." E mais adiante: "As principais diferenças para menos encontram-se na Alemanha 4½ milhões de libras esterlinas ou menos 49%..."⁶.

O aumento na exportação de café para a Escandinávia não se destinou, evidentemente, ao consumo interno nesses países, nem ao armazenamento. Pelo contrário, o café tornou-se escasso durante a guerra, de maneira que o produto, por exemplo, foi submetido ao racionamento na Dinamarca, a partir de 1917, desapa-

recendo totalmente do consumo em 1918⁷. O excedente do café exportado pelo Brasil para esses países só pode, portanto, ter sido re-exportado para os países envolvidos na guerra.

Figura 2: a exportação brasileira de café para a Alemanha e a Escandinávia, 1910-22



Fonte: Comercio Exterior do Brasil

A exportação brasileira de café para a Grã-Bretanha e a França não sofreu nenhuma queda durante os primeiros anos da guerra, enquanto a exportação para Alemanha foi interrompida. Isso é um indício forte de que

a re-exportação de café dos países escandinavos foi dirigida para esse país. A Fig. 2 dá uma clara ilustração das flutuações na exportação de café para a Escandinávia e a Alemanha. A exportação desse produto para a Alemanha definiu durante a guerra, justamente enquanto a exportação para os países escandinavos alcançou seu apogeu. Uma parte pequena da re-exportação de café pode ter sido destinada à Rússia, já que a guerra também interrompeu as relações comerciais do Brasil com este país. Mas isso somente poderia ter sido uma parte mínima, já que as exportações diretas de café para a Rússia, mesmo antes da guerra, nunca excederam 36 mil sacas (a 60 kg) por ano⁸.

Tabela 2: a exportação total brasileira, 1910-22 (bilhões de reis papel)

Ano	Dinamarca	Suécia	Noruega	EUA	GB	Alemanha	França	Total
1910	1	5	1	340	223	110	79	939
1911	1	10	1	358	151	146	79	1.004
1912	3	10	2	438	133	160	110	1.120
1913	2	10	1	317	129	137	119	973
1914	5	18	5	312	108	70	61	751
1915	24	93	31	428	125	0	117	1.042
1916	8	31	6	520	131	0	179	1.137
1917	3	2	6	533	149	0	157	1.192
1918	2	6	9	394	115	0	102	1.137
1919	41	56	17	982	158	11	464	2.179
1920	16	30	2	725	140	112	200	1.752
1921	13	28	4	628	118	165	171	1.710
1922	22	48	7	905	230	141	257	2.332

Fonte: Commercio Exterior do Brasil

Existem outras indicações que reforçam essa tese. Já vimos (Tab. 1) que a exportação brasileira de café para a Alemanha parou durante a Primeira Guerra

Mundial. A mesma tendência evidenciou-se na exportação total para este país (Tab. 2). Entretanto, no que se refere à importação de produtos alemães, essa continuou enquanto durou a guerra, mesmo que em níveis inferiores (Tab. 3).

Tabela 3: a importação total brasileira, 1910-22 (bilhões de reis papel)

Ano	Dinamarca	Suécia	Noruega	EUA	GB	Alemanha	França	Total
1910	1	3	6	92	203	114	67	714
1911	2	3	6	106	231	133	70	794
1912	2	4	10	148	240	164	86	951
1913	2	4	11	158	247	176	99	1.007
1914	1	3	9	102	135	87	43	565
1915	3	5	10	188	128	9	29	583
1916	5	11	8	318	166	0	42	811
1917	2	7	7	395	151	1	34	874
1918	1	9	4	356	202	0	47	989
1919	0	15	7	640	216	3	51	1.334
1920	2	26	22	880	452	105	117	2.091
1921	4	9	13	527	345	137	105	1.690
1922	10	15	17	379	427	147	98	1.653

Fonte: Comercio Exterior do Brasil

Essa variação deveu-se ao método de elaboração das estatísticas comerciais. Enquanto os produtos exportados eram contabilizados na rubrica do país receptor por via direta, sem possibilidade para contabilizar uma eventual reexportação, os produtos importados eram contabilizados na rubrica do país produtor, mesmo tendo o produto chegado ao Brasil por via indireta⁹. Desta maneira, um produto que foi reexportado e, de fato, consumido na Alemanha, não figurou como tal, enquanto que as mercadorias produzidas na Alemanha e transportadas até o Brasil por outro país continuaram figurando como alemãs. Desta maneira, foi possível que

as relações comerciais entre o Brasil e a Alemanha continuassem durante a guerra, apesar de interrupções na estatística comercial.

Esse estudo das estatísticas comerciais contradiz idéias largamente aceitas. Em 1916, por exemplo, o então ministro das Relações Exteriores, Manoel de Azevedo Marquez, ressaltou a interrupção das importações da Alemanha e da Áustria: "A importação de produtos de origem alemã e austríaca está paralisada, sendo impossível o transporte por mar de mercadorias encomendadas depois de 1º de março do ano passado"¹⁰. No mesmo ano, entretanto, as estatísticas acusam a importação de produtos desses países no Brasil. A incoerência aparente entre a visão do ministro e a estatística explica-se, se levado em conta que o ministro se referia, somente, à exportação direta e que, ao mesmo tempo, existia um problema real em torno de produtos alemães encomendados antes da guerra, mas retidos nos portos da Europa. A estatística, por seu lado, referiu-se aos produtos alemães que, de fato, chegaram nos portos brasileiros, passando pela alfândega.

Quais foram, então, os países que tiveram a possibilidade de intermediar o comércio entre o Brasil e a Alemanha? Primeiro, eles precisavam ocupar uma posição de neutralidade na guerra. O bloqueio naval britânico impedia o comércio e a navegação transatlântica da Alemanha e da Áustria. Somente os países neutros tiveram a possibilidade, de acordo com o direito internacional, de continuar seu comércio internacional, inclusive com países envolvidos na guerra.

Ao mesmo tempo, o bloqueio inglês e a colocação de minas no Canal da Mancha, pela Alemanha, limitaram o número de países que, de fato, tiveram a possibilidade de continuar seu comércio internacional. A Holanda, por exemplo, não conseguiu escapar do controle dos participantes da guerra, de maneira que o comércio desse país com o Brasil sofreu grande queda nesse período¹¹.

Os países escandinavos, por outro lado, foram beneficiados pela situação geográfica, que deu a eles uma liberdade de movimento bastante grande. Por isso, podiam manter, e até aumentar seu comércio internacional, explorando rotas marítimas alternativas para passarem ao longo dos cenários imediatos da guerra. Essa possibilidade foi, sobretudo, grande nos primeiros anos da guerra, e veio a refletir-se no aumento explosivo da exportação brasileira à Escandinávia para eles nesse período. Com o decorrer do tempo, entretanto, as restrições por parte da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, assim como a guerra submarina, por parte da Alemanha, impuseram sérias dificuldades para o comércio e causaram perdas muito grandes de navios e vidas humanas.

• • •

Antes da Primeira Guerra Mundial, a navegação estrangeira para os portos brasileiros passou por um período de crescimento, interrompido bruscamente pelo início da guerra em 1914. A guerra resultou em grandes dificuldades para a navegação até o Brasil (Tab. 4 e Fig.

3), que somente em 1920 voltou ao nível de 1914, ainda inferior ao nível de 1913.

Tabela 4: a navegação estrangeira ao Brasil, 1910-22 (milhões de toneladas)

Ano	Dinamarca	Suécia	Noruega	EUA	GB	Alemanha	França	Total
1910	25	36	104	8	6.743	2.830	1.333	16.592
1911	36	94	139	5	7.481	2.940	1.235	14.500
1912	41	131	209	20	8.749	3.520	1.222	16.538
1913	59	160	219	40	9.867	4.285	1.306	18.826
1914	27	169	216	139	7.693	2.833	1.183	14.918
1915	125	245	314	448	5.054	0	1.033	10.494
1916	153	209	299	749	4.120	0	949	8.605
1917	163	131	619	661	2.215	0	707	5.522
1918	138	132	464	260	2.452	0	461	4.825
1919	109	212	441	1.154	3.849	0	868	8.440
1920	133	250	579	2.560	6.971	100	1.768	15.366
1921	149	184	558	1.836	6.853	416	1.572	13.960
1922	210	286	563	1.569	6.345	1.549	1.675	16.288

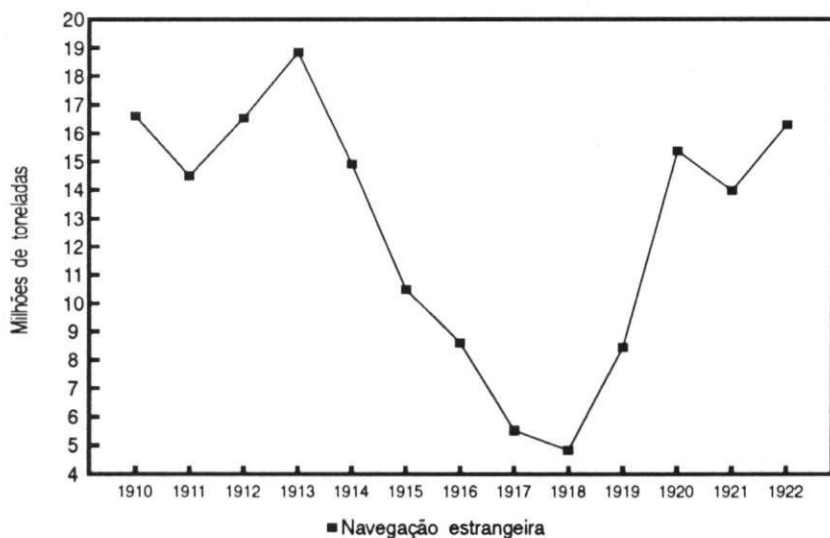
Fonte: Comercio Exterior do Brasil

Os países escandinavos distinguiam-se, também, neste sentido, do comportamento habitual da navegação estrangeira no Brasil (Fig. 4). Assim como a exportação de café, a navegação demonstrou uma tendência de aumento durante o período estudado. Essa tendência foi mais forte no que se refere à Noruega, cuja navegação sofreu um aumento muito grande em 1915, mantendo-se no mesmo patamar em 1916. Em 1917, entretanto, ocorreu um aumento explosivo, contrastando com a queda geral na navegação internacional em função da guerra submarina. Nos anos seguintes, a navegação norueguesa voltou a diminuir, em razão das grandes perdas de navios e vidas humanas causadas pela guerra.

A navegação da Dinamarca para o Brasil passara

por um período de crescimento. Nos primeiros meses da guerra, porém, sofreu uma paralisação geral, e a conseqüente diminuição nas chegadas de navios dinamarqueses no Brasil¹². Todavia, o crescimento voltou rapidamente, e, em 1917, a navegação dinamarquesa obteve, da mesma maneira que a Noruega, um aumento significativo. Após decréscimos em 1918 e 1919, a tendência de crescimento voltou em 1920.

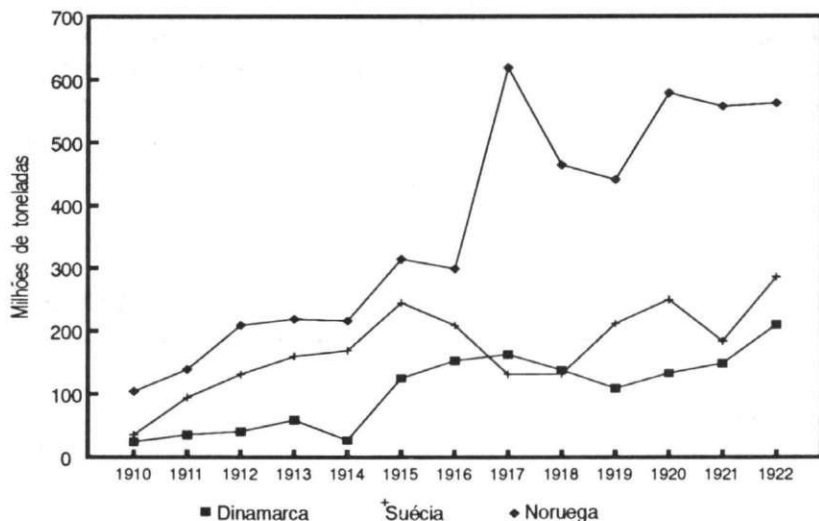
Figura 3: a navegação estrangeira ao Brasil, 1910-22



Fonte: Commercio Exterior do Brasil

A Suécia foi o único dos países escandinavos a seguir a tendência geral européia de aumento até 1915, queda de 1916 a 1918 e um novo crescimento a partir de 1920.

Figura 4: a navegação escandinava no Brasil, 1910-22



Fonte: Comercio Exterior do Brasil

Evidentemente, o desafio norueguês e dinamarquês aos perigos da guerra custou muito caro¹³. A questão que se impõe é, portanto, por que a navegação dos países nórdicos teve esse comportamento singular? Várias explicações podem ser apresentadas. Primeiro, o comércio internacional teve um papel muito importante nas economias desses países. Sem o comércio internacional faltariam produtos necessários tanto para a produção industrial quanto para a agricultura, acarretando sérios problemas de desemprego, além da falta de produtos para consumo e exportação. O comércio internacional foi, portanto, imprescindível para assegurar a paz social e o funcionamento da economia pública e

particular. E, além disso, o comércio internacional tornou-se extremamente lucrativo, o que criou grandes tentações no sentido de desafiar os perigos da guerra.

Um dado de grande importância para explicar a continuação da navegação escandinava para o Brasil é a situação geográfica desses países, facilitando a utilização de uma rota alternativa, passando ao norte das ilhas britânicas. Além disto, os navios transitavam em comboio, escoltados por navios de guerra para desencorajar ataques. E, finalmente, devemos salientar as antigas tradições para a navegação, que induziram muitas pessoas a ignorarem os perigos.

. . .

Sem a pretensão de aventurar conclusões definitivas, vale apresentar aqui algumas considerações finais.

Primeiro, devemos salientar que todas as tentativas para desenvolver um sistema de regras que protegesse os direitos dos países neutros foram em vão, quando contrariavam os interesses da conduta de guerra das grandes potências. O bloqueio anglo-francês às potências centrais representou uma ruptura a essas regras, introduzindo um tipo de guerra econômica que não estava previsto pelas convenções internacionais.

Segundo, vimos que a necessidade dos países escandinavos em continuar seu comércio internacional os induziu a desafiar as grandes potências que, cada uma a seu modo, faziam pressões tentando impor o ônus a seus adversários. Essa situação significou a necessidade de manter um equilíbrio arriscado, que podia, a cada momento, causar a perda de vidas humanas ou colocar em

risco a própria neutralidade. Os interesses nacionais e individuais implicaram, portanto, na continuação do comércio internacional que, por isso, aumentou, apesar dos perigos.

Notas

1. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa empreendida durante o curso de mestrado em História na UnB.
2. Ministério das Relações Exteriores (doravante MRE), *Relatório* (1915): 101.
3. MRE, *Relatório* (1916): IX.
4. MRE, *Relatório* (1916): VII-VIII.
5. T.K. Derry, *A History of Scandinavia* (London: Allen & Unwin, 1979), p. 305.
6. *Commercio Exterior do Brasil* (1910-14): XXXV.
7. Karl Kristian Lammers, *1914-1920, Fra borgfred tilpåskekrisen*, vol. 7 de *Gyldendals Danmarkshistorie*, (Copenhague, 1988), p. 103.
8. A exportação brasileira de café para a Rússia (sacas de 60 kg): 1910: 17; 1911: 20; 1912: 29; 1913: 26; 1914: 0; 1915: 0; 1916: 0; 1917: 36; 1918: 0; 1919: 6; 1920: 0; 1921: 0; 1922: 27.
9. *Commercio Exterior do Brasil* (1910-14): XXI.
10. MRE, *Relatório* (1916): V.
11. A exportação brasileira de café para a Holanda (sacas de 60 kg): 1913: 1483; 1914: 1047; 1915: 1487; 1916: 368; 1917: 105; 1918: 0; 1919: 26; 1920: 105; 1921: 1145; 1922: 903.
12. *Danmarks Historie*, *op. cit.*, p. 88.
13. As perdas são expressivas: a Noruega, que antes da guerra possuía a terceira maior frota mercante do mundo, perdeu um terço dos navios e 2 mil homens (Derry, *op. cit.*, p. 305; John Midgaard, *A Brief History of Norway* (Oslo: Tanum Forlag, 1963), p. 90. A Dinamarca perdeu mais de um quarto da sua frota mercante, ou seja mais de 275 navios e cerca de 700 homens (Lammers, *op. cit.*, 87). A Suécia perdeu quase um quarto da sua frota.